

ROSÁRIO, H. M.; FLORES, V. N. A enunciação na semiologia da língua de Benveniste. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

A ENUNCIÇÃO NA SEMIOLOGIA DA LÍNGUA DE BENVENISTE

Enunciation in Benveniste's semiology of language

Heloisa Monteiro Rosário¹
Valdir do Nascimento Flores²

heloisa.monteirorosario@gmail.com
valdirnf@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo geral deste texto é apresentar uma possibilidade de interpretação para a presença da enunciação no programa semiológico do linguista Émile Benveniste. É sabido de todos os que trabalham com a teoria da linguagem desse autor que a enunciação ocupa lugar importante na reflexão por ele desenvolvida. No entanto, isso não implica ignorar que essa noção não se faz presente sempre da mesma maneira, considerados os diferentes momentos de sua teoria. Defende-se, enfim, que a enunciação comparece no programa semiológico de maneira muito específica, não idêntica à maneira como comparece em estudos não ligados ao programa da semiologia da língua.

PALAVRAS-CHAVE: enunciação; semiologia; metassemântica; Benveniste.

ABSTRACT: The general objective of this text is to present one possible interpretation for the presence of enunciation in the semiological program proposed by linguist Émile Benveniste. Those who work with the language theory developed by this author know that enunciation holds an important place in his reflection. However, this does not entail ignoring that this reflection is not equally present, given the different moments of the theory. Finally, we argue that, in the semiological program, enunciation appears in a very specific way, not identical to the way it appears in studies that do not relate to the semiology of language.

KEYWORDS: enunciation; semiology; metasemantics; Benveniste.

INTRODUÇÃO

O pensamento do linguista Émile Benveniste (1902-1976) tem sido alvo, nos últimos tempos, de releituras e reinterpretções que permitem colocar em discussão, a partir de pontos de vista que não eram antes sequer considerados, aspectos teóricos e metodológicos de sua teoria da linguagem. Isso se deve, em especial, ao relativamente recente movimento de retomada dos estudos em torno de sua obra, impulsionado, de um lado, pela divulgação de trabalhos do autor até então

¹ Doutora em Letras; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Doutor em Letras; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

desconhecidos do público em geral e, de outro, pela cuidadosa exegese a que tem sido submetido o conjunto dessa obra.

Entre as publicações de inéditos de Benveniste, vale destacar o volume que reúne anotações referentes às últimas aulas do linguista, *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (2012)³, o conjunto de notas sobre o discurso poético, *Baudelaire* (2011)⁴, além de outros trabalhos⁵ presentes em organizações⁶, revistas⁷ etc.⁸. Esses trabalhos foram suficientes para trazer à luz um Benveniste que, até então, era ignorado pelos estudiosos de sua obra.

Entre os estudos que buscam (re)interpretar o pensamento benvenistiano, os da linguista francesa Claudine Normand têm papel de destaque⁹. Suas pesquisas sobre Benveniste, iniciadas nos anos 1980, proporcionaram o estabelecimento de parâmetros de uma leitura ampla e vigorosa do autor. Artigos como “Les termes de l’énonciation de Benveniste” (1986), “Constitution de la sémiologie chez Benveniste” (1989), “Émile Benveniste: quelle sémantique?” (1996), “Lecture de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé” (1997) e a organização do livro, juntamente com Michel Arrivé, *Émile Benveniste vingt ans après* (1997) são alguns dos muitos exemplos de uma vasta obra dedicada à epistemologia da linguística¹⁰.

Nessa mesma direção, é importante destacar os trabalhos da também linguista francesa Irène Fenoglio, que, da perspectiva da crítica genética, dedica-se a traçar a gênese do pensamento de Benveniste. Artigos como “Les notes de travail d’Émile Benveniste” (2009), “Éléments pour une genèse de la notion d’énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits” (2013) e “Linguistique générale et

³ Daqui para a frente, também, *Últimas aulas*. Ver: BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons. Collège de France 1968-1969*. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012. Em português: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Tradução de Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

⁴ Ver: BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

⁵ Ver, por exemplo, os inéditos de Benveniste publicados em Fenoglio et al. (2016): “La traduction, la langue et l’intelligence” e “Singulier et pluriel”.

⁶ Nessa direção, cabe lembrar a organização de escritos de Benveniste, feita por Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, *Langues, culture, religions* (2015), em que estão reunidos artigos publicados entre 1930 e 1968.

⁷ Ver o número 35 da revista *Genesis* (2012), por exemplo.

⁸ Para uma apresentação detalhada do acervo Benveniste, ver Brunet (2014).

⁹ Listamos, em um primeiro momento, estudos benvenistianos em contexto francês. No Brasil, há os trabalhos de Flores (2013; 2017).

¹⁰ No Brasil, há uma coletânea de artigos da autora que conta com trabalhos acerca de Benveniste: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

héritage saussurien dans les notes préparatoires du cours de Benveniste, Collège de France (1963-1964)” (2015) são apenas algumas indicações¹¹.

Esse cenário possibilitou recolocar na ordem do dia temas da linguística benvenistiana que pareciam solidamente estabelecidos. Assim, na atualidade, é sabido de todos os que se dedicam a estudá-la que essa linguística não se restringe a nenhum dos rótulos a que foi submetida (teoria da enunciação, gramática comparada etc.). Trata-se, na verdade, de uma ampla produção¹² que versa sobre temas de linguística geral, história e comparação das línguas e aspectos culturais das línguas, além de trabalhos de forte inter-relação com outras áreas do conhecimento (antropologia, psicanálise, filosofia, literatura etc.). Portanto, uma linguística que absolutamente não se molda aos cânones disciplinares.

Nesse atual contexto, um dos temas que tem recebido vigorosa reinterpretção¹³ diz respeito ao projeto de uma semiologia da língua, esboçado por Benveniste nos últimos anos de sua atuação profissional. Em seus derradeiros trabalhos, encontramos textualmente a preocupação do autor em desenvolver uma reflexão semiológica. Exemplos disso são o artigo “Semiologia da língua”, de 1969, e as notas de suas últimas aulas no Collège de France, dos anos 1968-1969, ambos referentes a um momento de amadurecimento intelectual do autor que, como sabemos, é impedido de continuar seu trabalho de professor e pesquisador a partir do final do ano de 1969, em razão das consequências de um acidente vascular cerebral que o deixa imobilizado¹⁴.

A intenção de desenvolver tal projeto não deve causar espanto aos estudiosos do pensamento francês, em geral, e aos estudiosos de Benveniste, em particular, uma vez que, como veremos, a problemática semiológica está no centro desse pensamento nos anos 1960 do século XX. Nesse sentido, o projeto de Benveniste não faz mais do que se articular ao contexto de sua época.

No entanto, o que chama a atenção, em especial nesse trabalho de Benveniste, é menos a proposição de sua semiologia da língua e mais os termos pelos quais ele faz

¹¹ No Brasil, é importante ver a coletânea de trabalhos de Irène Fenoglio sobre Benveniste: FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verônica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário. 1a. ed. Brasília: Editora UnB, 2019.

¹² A bibliografia mais completa é a estabelecida por Mohammad Djafar Moïnfar, publicada em *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste* (1975). Nela são listados 18 livros, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na *Société linguistique de Paris*.

¹³ Cf. Rosário (2018).

¹⁴ Ver a biobibliografia escrita por Georges Redard (2014), “Émile Benveniste (1902-1976)”, e o estudo de Flores (2019), “A afasia de Benveniste”.

isso, o que lhe confere um lugar bastante singular no conjunto dos intelectuais de sua época. Em outras palavras, Benveniste busca desenvolver seu projeto semiológico de maneira distinta à seguida por seus contemporâneos (Roland Barthes e Algirdas Greimas, notadamente), nele integrando a distinção semiótico/semântico e, por esse viés, integrando também um aspecto de sua teoria que foi responsável por boa parte de sua notoriedade na linguística: a noção de enunciação.

Eis aqui, portanto, um aspecto importante de sua reflexão: a semiologia de Benveniste comporta a enunciação. Mas o que isso quer dizer exatamente?

É evidente que não se trata de confundir “semiologia” com “enunciação”, nem mesmo de dissolver uma noção na outra. O projeto da semiologia da língua integra o programa de estudos enunciativos desenvolvido por Benveniste desde os anos 1940¹⁵ e sintetizado, em 1970, no artigo “O aparelho formal da enunciação”, mas não se confunde, de modo algum, com ele.

Desenvolver essa ideia é o propósito que temos neste texto. Isto é, queremos avaliar a presença da enunciação na semiologia da língua de Benveniste. Nossa hipótese é a de que a enunciação – explicitamente evocada em várias passagens do artigo “Semiologia da língua”, assim como nas notas de aula do Collège de France – permite a concepção dessa semiologia, mas não faz desta um estudo enunciativo *stricto sensu*. Em outras palavras, embora a enunciação seja fundamental para a reflexão semiológica de Benveniste, não é, de modo algum, possível reduzir sua reflexão acerca da semiologia da língua a uma perspectiva meramente enunciativa. Disso deriva uma hipótese secundária – aqui apenas sugerida e não devidamente avaliada – de que os termos da presença da enunciação nos estudos semiológicos de Benveniste não são equivalentes aos termos da presença dessa noção, a noção de semiologia, nos estudos conhecidos sob a denominação de “o homem na língua”.

Para levar adiante nossos propósitos, faremos o seguinte percurso: na primeira parte deste trabalho (cf. 1.), abordamos o contexto geral de formulação da reflexão semiológica de Benveniste. Fazemos isso com a intenção de dar a conhecer aspectos da vida e da obra de Benveniste que se relacionam com essa formulação. Em seguida (cf. 2.), centramos nossa atenção especificamente no trabalho em que, de maneira explícita, o linguista apresenta sua reflexão semiológica, a saber: o artigo “Semiologia da língua”. Na terceira parte (cf. 3.), por sua vez, procedemos à análise do material reunido nas partes anteriores com vistas ao desenvolvimento de nossa hipótese de

¹⁵ Esse programa envolve seus estudos sobre as categorias de pessoa e não pessoa.

trabalho. Finalmente, apresentamos algumas conclusões gerais, assim como algumas perspectivas de estudo a partir do que é aqui abordado.

1. CONTEXTUALIZANDO A REFLEXÃO SOBRE A SEMIOLOGIA DA LÍNGUA DE BENVENISTE

Em “Éléments pour une genèse de la notion d’énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits”, Fenoglio (2013) mostra que 1968 e 1969 são anos que se caracterizam por uma intensa atividade do linguista. Segundo a autora, nesse período, todos os gêneros de pesquisa e de escrita se encontram presentes em sua reflexão, uma vez que

o teórico escreve e publica “Semiologia da língua”, artigo no qual explicita o conceito pivô do par “semiótico/semântico”, e escreve “O aparelho formal da enunciação”; o *pesquisador* dá seguimento às elucidações teóricas de sua concepção do sentido na linguagem e as expõe no Primeiro simpósio de semiótica, que ocorre em Varsóvia. Enfim, o *professor* transmite, em suas aulas no Collège de France, seus saberes de erudito, os problemas teóricos do pesquisador a respeito dos quais desenvolve domínios cujos resultados se encontram em curso de estabilização na forma de artigo (FENOGLIO 2013: 45, grifos da autora, tradução nossa).

E o que há, por assim dizer, em comum entre o teórico, o pesquisador e o professor sobretudo nesse final dos anos 1960? Sua reflexão semiológica, eis o laço que une essas três facetas do pensador.

Em suas aulas, às segundas, no Collège de France, partindo de um problema – compreender como a língua significa – Benveniste discorre sobre duas problemáticas específicas: a da semiologia e a da escrita¹⁶.

Os manuscritos relativos a essas aulas, organizados e estabelecidos por Coquet e Fenoglio graças a diferentes fontes (as próprias notas preparatórias do linguista e as notas de três de seus ouvintes, o próprio Jean-Claude Coquet, Jacqueline Authier-Revuz e Claudine Normand), foram publicados no livro, antes referido, *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*, em 2012, na França.

Além de dois anexos (a biobibliografia do linguista escrita por Georges Redard, texto inacabado sobre a vida pessoal e profissional do linguista, e uma descrição do Acervo Benveniste da Biblioteca Nacional da França (BNF) realizada por Émilie

¹⁶ É importante salientar que essas reflexões sobre a escrita são totalmente inéditas, pois não se encontram em nenhum outro artigo publicado do linguista.

Brunet), essa publicação apresenta três diferentes capítulos: o primeiro e o segundo correspondem ao ano letivo de 1968-1969 e tratam, respectivamente, da questão da semiologia e da escrita; o terceiro corresponde à primeira e única aula do ano letivo seguinte, 1969-1970, e continua tratando da semiologia.

Um exame do texto estabelecido nas *Últimas aulas* aponta que Benveniste traz, para suas aulas, especialmente a discussão presente em seu artigo “Semiologia da língua”, publicado pela primeira vez em 1969. O próprio Benveniste, através de uma anotação nas notas de sua última aula (do dia 1º de dezembro de 1969) – “citar aqui meu segundo artigo, p. 130” –, relaciona esse artigo (a segunda parte de “Semiologia da língua”, efetivamente) e suas aulas no Collège de France, conforme indicam Coquet e Fenoglio (2014: 85).

Existe, desse modo, uma proximidade entre o texto do artigo e o das aulas não porque um, anterior, serve de referência para o outro, posterior, mas porque a escrita e a publicação de “Semiologia da língua” ocorrem paralelamente às aulas de Benveniste no Collège de France durante os anos de 1968 e 1969; fato assinalado, por exemplo, por Fenoglio (2013), assim como por Chepiga, Galíndez-Jorge e Fenoglio (2009), no estudo genético intitulado “Remarques de synthèse concernant la comparaison entre les notes des cours 1968-1969 et le Brouillon de l’article ‘Sémiologie de la langue’”.

Em outras palavras, o artigo não está em uma relação de anterioridade com as aulas, mas sim em uma relação de simultaneidade¹⁷. E é isso que aproxima a reflexão desenvolvida pelo teórico e pelo professor nesses dois momentos ou, melhor dizendo, espaços – o do artigo e o das aulas respectivamente –, mostrando sua estreita vinculação.

Quanto ao pesquisador referido por Fenoglio (2013), este também está em sincronia com o professor e o teórico, uma vez que as reflexões apresentadas por Benveniste, em 1968, no Primeiro Simpósio de Semiótica, são retomadas tanto em suas aulas quanto em seu artigo sobre a semiologia.

Nesse sentido, cabe pontuar que Benveniste é responsável pela abertura do Simpósio, ocorrido em Varsóvia, na Polônia, de 25 de agosto a 1º de setembro, com a conferência intitulada “A distinção entre a semiótica e a semântica”. A esse respeito, Coquet e Fenoglio (2014: 72, grifos dos autores) observam que Benveniste havia registrado que trataria da “distinção entre o semiótico e o semântico” e que “a

¹⁷ Cf. Rosário (2018).

passagem para o masculino deveria bastar para que o ouvinte atento compreendesse que Benveniste pretendia abrir um novo campo”. O linguista, todavia, não altera o título de sua comunicação.

Coquet e Fenoglio mostram igualmente que Benveniste não pretendia, com sua pesquisa, uma ruptura com o pensamento de Ferdinand de Saussure, mas, ao contrário, “uma retomada de seu questionamento, assim reformulado nas notas preparatórias: ‘Como uma língua significa?’” (Coquet; Fenoglio 2014: 72). Para os autores, Benveniste contava oferecer respostas a essa pergunta, cujo grifo marca sua insistência – de um lado, “era ‘o problema de Saussure, aquele que o obcecou a vida inteira e que configura toda sua linguística” e, de outro, “pode-se pensar também que se tratava de um desafio maior para o próprio Benveniste”, uma vez que se restringir “apenas ao semiótico não era a resposta certa”, sendo “preciso ‘mostrar o caráter irreduzível da frase’, escreve ele, como já havia feito em Cambridge, em 1962, e revelar a especificidade do discurso em relação à língua” (Coquet; Fenoglio 2014: 72).

Ora, no Simpósio (assim como em suas aulas e no artigo), Benveniste inicia sua discussão sobre a semiologia não apenas se perguntando sobre a significância da língua, mas também convocando Saussure e suas ideias para o debate.

Embora Benveniste não se dedique apenas à questão semiológica nesses anos 1960¹⁸, podemos contudo afirmar que, nesse período, o linguista desenvolve e apresenta, a seus pares e alunos, sobretudo sua reflexão semiológica, o que, aliás, aparece muito fortemente no entrelaçamento das ideias trazidas pelo teórico, pelo pesquisador e pelo professor nos diferentes espaços nos quais se coloca sempre muito ativamente.

Gostaríamos ainda de salientar que, em 1969, Benveniste participa da fundação e se torna o primeiro presidente da recém-criada Associação Internacional de Semiótica (International Association for Semiotic Studies), assim como aceita presidir o Círculo de Semiótica de Paris (Cercle de Sémiotique de Paris), do qual é um dos fundadores ao lado de Roland Barthes (o grande nome da semiologia na França), Claude Lévi-Strauss e Algirdas Greimas, por exemplo.

¹⁸ Afinal, mantém, às terças, suas aulas no Collège de France sobre questões relativas ao indo-europeu e à gramática comparada, assim como participa da organização dos dois volumes e publica, em 1969, *O vocabulário das instituições indo-europeias*.

Conforme Pinault (2013), por outro lado, Benveniste também tem um papel determinante na criação da revista *Semiotica*, assim como na organização de aulas de semiótica na École Pratique des Hautes Études (EPHE), em Paris.

Tudo isso mostra, sem dúvida, não apenas a força e a relevância do debate semiológico, na França, nesse período, mas principalmente o engajamento de Benveniste e o papel de destaque por ele assumido na discussão semiológica de sua época, o que sua atuação na fundação e à frente das instituições citadas, por exemplo, comprova. Esses aspectos nos fazem concluir que, com seu projeto de semiologia, Benveniste de fato busca uma articulação com o debate intelectual e o contexto de seu tempo.

Por fim, antes de passarmos para a seção seguinte, lembramos que o artigo “Semiologia da língua” é publicado inicialmente no primeiro número da revista *Semiotica*, em 1969, em duas partes separadas. Trata-se, aliás, de uma encomenda de Julia Kristeva para a revista. Posteriormente, em 1974, no segundo volume de seus *Problemas de linguística geral*, as duas partes do artigo são reunidas e republicadas em um só texto.

2. O ARTIGO “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA” DE BENVENISTE

Benveniste inicia a primeira parte de “Semiologia da língua” salientando o fato de Charles Peirce (1839–1914) e de Ferdinand de Saussure (1857–1913) – que qualifica de “dois gênios antitéticos” (Benveniste 1989a: 43) – terem não apenas concebido, aproximadamente ao mesmo tempo e ignorando um ao outro, a possibilidade de uma ciência dos signos, mas também terem buscado sua instauração. Conforme o linguista, a partir disso, surge “um grande problema” (Benveniste 1989a: 43); problema esse que, devido à confusão que reina nesse campo de estudo, ainda não havia recebido sua forma precisa nem havia sido colocado de um modo claro. Por meio da pergunta-chave “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (Benveniste 1989a: 43), o linguista, portanto, o apresenta já no primeiro parágrafo de seu artigo.

Benveniste trata, desse modo, primeiro de Peirce – filósofo e lógico americano – e das linhas gerais de sua teoria do signo para, em seguida, trazer Saussure e sua reflexão sobre a língua, a linguística, as suas tarefas e a semiologia. E o que conclui

Benveniste contrapondo as ideias de Peirce às de Saussure sobre a questão semiológica?

O linguista reconhece a importância das noções formuladas por Peirce, mas faz uma crítica ao autor: em relação à língua, “Peirce não formula nada de preciso nem de específico” (Benveniste 1989a: 44). Diferentemente de Peirce, para Saussure, o signo é, antes de tudo, uma noção linguística, e a semiologia se modela sobre a linguística. Assim, é porque, em Saussure, “a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo” (Benveniste 1989a: 45) que Benveniste segue com o mestre genebrino e não com o filósofo americano, uma vez que seu objetivo é explicitar o caráter semiológico da língua.

O linguista assinala, porém, que Saussure não se debruça sobre a natureza da relação entre a linguística e a semiologia, limitando-se a afirmar que o arbitrário do signo “governaria o conjunto dos sistemas de expressão e, em primeiro lugar, a língua” (Benveniste 2005: 50, tradução nossa). Do mesmo modo, conforme Benveniste, em relação aos sistemas que, como a língua, dizem respeito à semiologia, “Saussure se limita a citar rapidamente alguns” – a escrita, as formas de polidez, os ritos simbólicos, os costumes, por exemplo –, “sem contudo esgotar a lista, posto que ele não adianta nenhum critério delimitativo” (Benveniste 1989a: 50). Daí por que Benveniste (1989a: 50) decide retomar “este grande problema no ponto em que Saussure o deixou”, na medida em que deseja promover a análise semiológica e consolidar as bases da semiologia.

Nesse sentido, o linguista formula novas perguntas a respeito da relação da língua com os sistemas semiológicos e estabelece, de um lado, que “o problema central da semiologia” é “o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos”, e, de outro, que seu estudo deve começar pelos sistemas não linguísticos (Benveniste 1989a: 51). Ou seja, Benveniste propõe, em relação à semiologia, bem mais do que seu mestre genebrino no *Curso* – cabe à semiologia estudar não apenas os sistemas semiológicos em si, mas também as relações entre os sistemas de signos, e a língua tem aí um papel fundamental.

Nessa perspectiva, voltando à pergunta – “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (Benveniste 1989a: 43) –, o linguista não se limita a repetir que a língua é o mais importante deles e, atendendo à tarefa do linguista determinada por Saussure, responde: a língua tem um lugar central entre os sistemas de signos devido à propriedade que tem de interpretar a si mesma e de interpretar os demais sistemas

semiológicos.

Desse modo, se a primeira parte de “Semiologia da língua” (Parte I) é mais genérica, não é, de modo algum, menos importante, pois define os princípios teóricos que permitem a Benveniste o desenvolvimento de suas reflexões na segunda parte (Parte II). A retomada das ideias de Peirce e de Saussure, portanto, possibilita que Benveniste organize a discussão a respeito da questão da semiologia.

Essa segunda parte, por sua vez, é mais específica, na medida em que, nela, o linguista retoma as noções de semiótico e semântico para falar da especificidade da língua, daquilo que a diferencia dos outros sistemas de signos – sua propriedade de tudo interpretar – e, a partir daí, propor um novo campo do saber: o da semiologia da língua.

Benveniste também determina que um sistema de signos, um sistema semiológico, se caracteriza por seu modo operatório – o modo como o sistema age e o sentido ao qual se dirige (visão, audição etc.); por seu domínio de validade – onde deve ser reconhecido ou obedecido; pela natureza e número de seus signos; e, finalmente, por seu tipo de funcionamento. E estabelece que, no que diz respeito às relações entre os sistemas, há dois princípios: a) não há redundância entre sistemas, ou seja, não há sinonímia; b) não há signo transsistemático, ou seja, o valor de um signo se define somente no sistema que o integra.

O linguista faz, por outro lado, mais uma pergunta – “Os sistemas de signos são então tantos outros mundos fechados, não tendo entre eles senão uma relação de coexistência talvez fortuita?” (Benveniste 1989a: 54) –, à qual responde com duas exigências metodológicas: de um lado, as relações entre sistemas semióticos são de natureza semiológica, ou seja, existe uma determinação cultural que produz e alimenta esses sistemas; e, de outro, deve-se sempre determinar se um sistema pode se autointerpretar ou se deve ser interpretado por outro sistema, ou seja, existem sistemas interpretantes e sistemas interpretados.

Essa relação entre sistema interpretante e sistema interpretado é o que Benveniste propõe, na sequência,

entre os signos da língua e os da sociedade: os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, não o inverso (Benveniste 2005: 55, tradução nossa). A língua será então o interpretante da sociedade. [...] a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos (Benveniste 1989a: 55).

Nesse momento, Benveniste retoma a questão dos sistemas não linguísticos, analisando, com detalhe, como funciona e se organiza o sistema da música. O linguista também se detém em outro domínio – o das artes plásticas. E tem, com isso, um objetivo específico: através dessas análises, busca deixar claro como a língua significa. Benveniste examina, portanto, a significância nos sistemas não linguísticos para melhor determinar a questão da significância na língua, um sistema linguístico. Ainda a esse respeito afirma:

Toda semiologia de um sistema não linguístico deve tomar emprestada a intermediação da língua, não pode então existir senão pela e na semiologia da língua (Benveniste 2005: 61, tradução nossa). Que a língua seja aqui instrumento e não objeto de análise não muda nada nesta situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos (Benveniste 1989a: 61).

Em seguida, especifica a natureza e as possibilidades das relações entre os sistemas semióticos. Essas relações são, segundo ele, de três tipos:

- a) Relações de engendramento – quando um sistema é construído a partir de outro: o alfabeto braile é engendrado pelo alfabeto normal, por exemplo;
- b) Relações de homologia – quando há correlações entre partes de dois sistemas: há homologia entre a escrita e o gesto ritual na China ou entre os perfumes, as cores e os sons no poema “Correspondências” de Baudelaire, por exemplo;
- c) Relações de interpretância – quando um sistema pode interpretar o outro: a língua em relação aos demais sistemas, por exemplo.

O linguista também estabelece uma diferença entre esses três tipos de relação e sustenta que – do ponto de vista da língua – a de interpretância é a relação fundamental, na medida em que, ao contrário da língua (interpretante de todos os sistemas semióticos), nenhum outro sistema dispõe de “uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (Benveniste 1989a: 62, grifo do autor). E isso porque a “língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (Benveniste 1989a: 63).

Considerando, ainda, a questão das relações, o linguista mostra a diferença entre a relação semiológica e a relação sociológica, o que o faz, mais uma vez, afirmar o lugar central da língua; língua que “constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”

(Benveniste 1989a: 63). E é, nessa passagem, cabe ressaltar, que Benveniste insere uma nota remetendo a seu artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, texto apresentado em 1968, em Milão, publicado, pela primeira vez, em 1970, e posteriormente, em 1974, no segundo volume de seus *Problemas de linguística geral*.

Voltando à questão da língua, Benveniste esclarece que se trata de um sistema particular cujas características não são encontradas, todas, em nenhum outro sistema semiológico, pois a língua é o único sistema semiológico que apresenta uma dupla significância: a do modo semiótico (a significância dos signos, do sistema) e a do modo semântico (a significância da enunciação). Há, na língua, assim, dois modos diferentes de significar, o que não ocorre, segundo ele, nos demais sistemas de signos. Esses, por sua vez, têm sempre uma significância unidimensional: ou semiótica sem semântica (como os gestos de cortesia) ou semântica sem semiótica (como a música) (Benveniste 1989a: 66). Em outras palavras, somente na língua a significação se articula em duas dimensões, o que o conduz à seguinte conclusão:

É preciso desde já admitir que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico servirá de base à pesquisa. O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições (Benveniste 1989a: 66-67).

Todas essas considerações mostram, por conseguinte, a importância das noções de semiótico e de semântico na reflexão do autor a respeito da significância dos diferentes sistemas (linguísticos e não linguísticos) e, conseqüentemente, na formulação da noção de interpretância. Benveniste (1989a: 67) acrescenta, também, que a “semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou: o signo” e finaliza o artigo dizendo:

Em conclusão, é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua (Benveniste 2005: 66, tradução nossa). Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;
- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metasemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral (Benveniste 1989a: 67).

Eis aqui o “programa de pesquisa” de Benveniste que, devido a seu estado de saúde após o acidente vascular cerebral, permaneceu sem seguimento.

Nele, o linguista associa, de um lado, a análise intralinguística ao semântico, ao discurso e, de outro, a análise translinguística a uma análise com base no semântico, no discurso, quer dizer, naquilo que, mais tarde, será denominado a linguística benvenistiana da enunciação, distinta, portanto, de uma análise com base no domínio semiótico, no signo, na linguística saussuriana. Em outras palavras, para Benveniste, as duas vias – que permitem a ultrapassagem do domínio semiótico como princípio único de explicação da significância da língua – concernem, de um lado, à semântica da enunciação e, de outro, à metassemântica, também chamada pelo linguista de semiologia de “segunda geração”.

Considerando, todavia, a complexidade de toda a reflexão apresentada neste artigo, assim como suas relações com outros espaços de reflexão do linguista (como, por exemplo, o de suas aulas no Collège de France), é possível que a semiologia da língua que dá título ao texto não se limite à análise translinguística, à metassemântica, apresentada em suas linhas finais, mas que compreenda um amplo campo de estudos, que se fundamenta na propriedade de interpretância da língua, quer dizer, em sua propriedade de interpretar, o que envolve diversas relações entre o sistema interpretante – a língua – e um sistema interpretado – os outros sistemas, a sociedade, a própria língua (a questão da escrita) e, inclusive, os textos e as obras (a metassemântica); diferentes questões, é preciso dizer, presentes ou, ao menos, mencionadas em “Semiologia da língua” pelo linguista¹⁹.

3. O QUE HÁ DE ENUNCIÇÃO NO ARTIGO “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA” DE BENVENISTE?

Na apresentação que fizemos nos itens anteriores, fica evidente a presença do aspecto enunciativo no interior da reflexão semiológica de Benveniste. No entanto, e essa é nossa hipótese aqui, isso não faz da semiologia da língua uma reflexão enunciativa *stricto sensu*. É tempo de melhor esclarecer os argumentos que temos para assim proceder.

Grosso modo, podemos dizer que a enunciação comparece no artigo “Semiologia da língua” – tomado especificamente em análise aqui – em dois grandes

¹⁹ Cf. Rosário (2018).

momentos e cumpre papel distinto em cada um: a) na definição de língua e b) na proposição, nas linhas finais do artigo, das análises “linguística” e “translinguística”, esta última também denominada “metassemântica”.

3.1 A ENUNCIÇÃO E A NOÇÃO DE LÍNGUA EM “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA”

Como vimos anteriormente (cf. 2.), ao apresentar as relações de interpretância, Benveniste formula, numa espécie de síntese, um princípio norteador de toda a teorização semiológica. Trata-se do princípio de que “a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos” (Benveniste 1989a: 62). Segundo ele, “a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (Benveniste 1989a: 62). Isso se deve ao fato de a língua ser capaz de “nos fornecer o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (Benveniste 1989a: 63). Quer dizer,

- 1.º ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de;
 - 2.º ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
 - 3.º ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
 - 4.º ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva.
- Por estas razões, a língua é a organização semiótica por excelência (Benveniste 1989a: 63).

Ora, das quatro proposições listadas, duas (a segunda e a terceira) são relativas à estrutura formal da língua e duas (a primeira e a quarta) são relativas ao seu funcionamento. Nessas últimas, Benveniste localiza a enunciação: na primeira, o termo aparece textualmente; na quarta, a noção está contida na ideia de “atualização da comunicação intersubjetiva”.

Mais adiante no artigo, cabe lembrar de novo, Benveniste nomeará cada um desses grupos de proposições – o da estrutura formal e o do funcionamento – de semiótico e semântico, respectivamente. A “dupla significância” do semiótico e do semântico é que dá à língua a propriedade de tudo interpretar, inclusive a si mesma, uma “situação privilegiada da língua na ordem pragmática [que] é uma consequência, não uma causa, de sua preeminência como sistema significante” (Benveniste 1989a: 64).

O semiótico, como dissemos, é o “modo de significação que é próprio do signo” (Benveniste 1989a: 64); o semântico é o “modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO” (Benveniste 1989a: 65, grifo do autor). Especificamente com relação ao semântico, Benveniste acrescenta: “a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (Benveniste 1989a: 66).

Como é possível ver, a enunciação é uma noção que permite, nesse momento da reflexão de Benveniste, estabelecer uma perspectiva de entendimento da língua que a coloca na posição de ser o “interpretante” semiológico por excelência. Cabe observar que a enunciação não é, nesse caso, um termo ou uma noção que opera na análise semiológica; na verdade, é condição para que a análise semiológica se dê.

Esse esclarecimento que fazemos é essencial para que se entenda o raciocínio de Benveniste: o “mundo da enunciação”, da “comunicação intersubjetiva”, do semântico, enfim, é uma das dimensões de articulação da significação do sistema da língua – “a língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões” (Benveniste 1989a: 66) –, o que a capacita ser o sistema semiológico com condições de interpretar aos demais sistemas e a si mesma.

Com isso, podemos formular a primeira parte da conclusão de nosso estudo: a enunciação, na dimensão constitutiva da língua, é condição da análise semiológica, não podendo, porém, ser *pari passu* a ela identificada.

3.2 A ENUNCIÇÃO E A SEMIOLOGIA DE “SEGUNDA GERAÇÃO” EM “SEMILOGIA DA LÍNGUA”

Para desenvolver este ponto, voltamos à parte final do artigo “Semiologia da língua”. Ela já foi objeto de nossa atenção neste estudo e em outros momentos de nossos trabalhos²⁰. Vamos recolocá-la, agora, tendo em vista o exame específico a que estamos procedendo.

Nos últimos parágrafos de “Semiologia da língua”, Benveniste esboça o programa de uma semiologia de “segunda geração”, diferente da de Saussure, que poderíamos considerar de “primeira geração”. A diferença essencial entre essas “duas semiologias” é que a de Saussure é fundada sobre a noção de signo e a de Benveniste sobre a noção de língua que é, por sua vez, duplamente constituída pelas dimensões

²⁰ Ver Flores (2013; 2017) e Rosário (2018).

do semiótico e do semântico. Essa diferença possibilita a Benveniste propor duas direções teórico-metodológicas.

A primeira, chamada de “análise intralinguística”, que se dá “pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso” (Benveniste 1989a: 67), denominada “semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica” (Benveniste 1989a: 67). A segunda, chamada de “análise translinguística”, que se dedica ao estudo “dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação” (Benveniste 1989a: 67).

A partir disso, vale observar que a enunciação comparece, nessas proposições verdadeiramente programáticas, de duas maneiras: na análise intralinguística e na análise translinguística.

A análise intralinguística é, poderíamos afirmar, a dita “teoria da enunciação”, tão fartamente atribuída a Benveniste e, não raras vezes, infelizmente, o único aspecto pelo qual o linguista é lembrado na história das ideias linguísticas. De qualquer forma, é importante destacar, aqui, dois pontos: de um lado, Benveniste considera o estudo enunciativo – a “semântica da enunciação” como ele nomeará adiante – uma análise intralinguística, quer dizer, a “semântica da enunciação” não é, como muitas vezes sua forma popularizada difundiu, um estudo “extralinguístico”. A expressão “o homem na língua”, com a qual ele nomeia a quinta parte de seus *Problemas de linguística geral*, indica exatamente isto: o homem está na língua; essa análise é, como diz Benveniste no “Prefácio” do primeiro volume de seus *Problemas de linguística geral*, “definida pelas formas linguísticas da ‘subjetividade’” (Benveniste 1995a: s/p). De outro lado, a enunciação é assimilada à ideia de “discurso” e, por esse viés, à dimensão do semântico.

Em resumo: o estudo do domínio do semântico – para o qual será preciso construir “um aparelho novo de conceitos e definições” (Benveniste 1989a: 67) – é simultaneamente discursivo e intralinguístico. Isso merece, aliás, ser desenvolvido.

Por sua vez, a análise translinguística é o esboço de um programa de pesquisas cujo desenvolvimento não obteve maiores desdobramentos em função das circunstâncias pessoais de Benveniste já referidas. A enunciação comparece na análise translinguística como a base de uma “outra” disciplina; não se trata mais aqui de uma semântica, mas de uma metassemântica, quer dizer, algo que se construirá “sobre” a semântica da enunciação. Trata-se, em outras palavras, de um estudo do

sentido “sobre” outro estudo do sentido, sendo, assim, de natureza metalinguística. Isso também merece, aliás, ser desenvolvido.

Ora, ambas as análises – tanto a intralinguística quanto a translinguística – estão contidas no artigo “Semiologia da língua” porque são dependentes da ideia de que a língua é constituída pelo semiótico e pelo semântico. No entanto, e não é apenas importante, mas também necessário frisar isso, o projeto semiológico de Benveniste vai além dessas duas proposições. E isso porque está ligado à propriedade de interpretância da língua, o que amplia (e muito) o que as duas análises deixam entrever a respeito da produção de sentido e do papel central e exclusivo da língua, segundo Benveniste, nessa produção. Afinal, é a noção de interpretância que permite ao linguista estabelecer relações de sentido entre a língua e a sociedade, entre a língua e os outros sistemas semiológicos e, inclusive, da língua consigo mesma, para além da questão da metassemântica que encerra o artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feito o percurso a que nos propusemos no início deste estudo, é possível concluir que a noção de enunciação integra o projeto semiológico de Benveniste de maneira muito peculiar. Não se pode, contudo, fazer da análise semiológica – apenas esboçada pelo linguista em seus princípios gerais – uma análise enunciativa.

A enunciação está presente e sem dúvida cumpre, em seu projeto semiológico, dois papéis distintos. De um lado, aparece como um elemento constitutivo da noção de língua formulada por Benveniste. Nessa perspectiva, salientamos, ela é uma condição para que a língua desempenhe a função de interpretante de si e dos demais sistemas semiológicos. De outro lado, encontramos a enunciação na proposição das análises intralinguística (a “semântica da enunciação”) e translinguística (a “metassemântica”). No primeiro caso, a enunciação é um elemento cujo valor é propriamente epistemológico; no segundo, por sua vez, a enunciação é um elemento cujo valor é de ordem operacional, quer dizer, metodológica.

Para concluir, uma última observação ainda cabe: tudo o que dissemos até aqui nos permite, secundariamente, reiterar a interpretação que já fizemos (cf. 2.) de que o texto “Semiologia da língua” – além de apresentar em suas linhas finais, programaticamente, as diretrizes de uma análise translinguística, uma metassemântica, dedicada ao estudo de textos e obras cuja base é a semântica da

enunciação – propõe um novo grande campo (ciência?), homônimo ao título do artigo, fundado com base na propriedade de interpretância da língua.

Desse modo, se não devemos reduzir o pensamento de Benveniste a sua reflexão sobre a enunciação, não devemos igualmente reduzir sua reflexão semiológica, de um lado, ao que nela há de enunciativo (seja de uma perspectiva epistemológica, seja de uma perspectiva metodológica) nem tampouco, de outro, à parte final do artigo “Semiologia da língua”, em que o linguista propõe uma semiologia de “segunda geração”, marcando posição em relação ao que Saussure (2006: 24) também apresenta programaticamente no *Curso* – a semiologia, uma nova ciência geral que teria como objeto os signos e as leis que os governam, e da qual a Linguística não seria senão uma parte.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1989a. Original publicado em 1974.
- BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1989b. Original publicado em 1969.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1989c. Original publicado em 1970.
- BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1989d. Original publicado em 1970.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-europeias - Vol. I: Economia, parentesco, sociedade*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989e. Original publicado em 1969.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995a. Original publicado em 1966.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das instituições indo-europeias – Vol. II: Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995b. Original publicado em 1969.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale, II*. Paris: Éditions Gallimard, 2005. Original publicado em 1974.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale, I*. Paris: Éditions Gallimard, 2006. Original publicado em 1966.
- BENVENISTE, Émile. *Baudelaire*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons. Collège de France 1968-1969*. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2012.

BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

BRUNET, Émilie. Os papéis de Benveniste. *In: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

CHEPIGA, Valentina; GALÍNDEZ-JORGE, Verónica; FENOGLIO, Irène. Remarques de synthèse concernant la comparaison entre les notes des cours 1968-1969 et le Brouillon de l'article 'Sémiologie de la langue'. 2009. Texto não publicado.

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. *In: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

FENOGLIO, Irène *et al.* *Autour d'Émile Benveniste*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

FENOGLIO, Irène. Éléments pour une genèse de la notion d'énonciation chez Benveniste: Ce que dévoilent les manuscrits. *In: DUFAYE, Lionel; GOURNAY, Lucie (Orgs.). Benveniste après un demi-siècle*. Paris: OPHRYS, 2013.

FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário. 1a. ed. Brasília: Editora UnB, 2019.

FENOGLIO, Irène. Les notes de travail d'Émile Benveniste. *Langage et société*, n. 127, 2009.

FENOGLIO, Irène. Linguistique générale et héritage saussurien dans les notes préparatoires du cours de Benveniste, Collège de France (1963-1964). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 67, 2015.

FLORES, Valdir do Nascimento. A afasia de Benveniste. *In: FLORES, Valdir do Nascimento. Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil. Quatro aulas na Escola Normal Superior*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GENESIS. Le geste linguistique. Paris: Université Paris Nanterre, n. 35, 2012.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Introduction. *In: BENVENISTE, Émile. Langues, cultures, religions*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2015.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie de travaux d'Émile Benveniste. *In: Société de linguistique de Paris (Org.). Mélanges offerts à Émile Benveniste*. Louvain: Peeters, 1975.

NORMAND, Claudine. Les termes de l'énonciation de Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage*, tomo 8, fascículo 2, 1986.

NORMAND, Claudine. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage*, tomo 11, fascículo 2, 1989.

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: quelle sémantique?. *LINX*, v. 8, 1996.

NORMAND, Claudine. Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé. *LINX*, v. 9, 1997.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

NORMAND, Claudine; ARRIVÉ, Michel. Émile Benveniste vingt ans après. *LINX*, v. 9, 1997.

PINAULT, Georges-Jean. Benveniste et l'invention du discours. *Fabula LHT*, n. 11, 2013.

REDARD, Georges. Émile Benveniste (1902-1976). *In: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Organização de Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. Original publicado em 2012.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. Porto Alegre: Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. Original publicado em 1916.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2019.
Aprovado no dia 04 de março de 2020.